



O Gaiato



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano VI—N.º 146
Preço 1\$00

Redacção, Administração e Proprietária—Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor:—Padre Américo
1 de Outubro de 1949

Comp. e Imp. na Tip. da Casa do Gaiato de Paço de Sousa
Vales do Correio para CETE

UMA INIQUIDADE APARENTE

Era dum a vez eu que recebi comunicação oficial do corte de desconto no fornecimento da luz. Era uma soma considerável e eu fui por aí fora conversar com o Snr. Presidente da Câmara. Ainda não tínhamos o Morris; foi o Peugeot. Uma vez chegado e anunciado, convidaram-me a entrar na sala de espera, e daí a nada, estava dando o meu recado.

Que não diz-me o Snr. Presidente. Eu tenho de zelar os interesses do meu concelho. Eu escutei. Expuz doutrina:

V. Ex.^a por certo não ignora a obrigação social das câmaras. Nós temos uma grande dúzia de pequeninos municipais seus, debaixo das nossas telhas. E mais e mais e mais. De nada me valeu. O interesse, segundo compreendi, era a pedra de toque. E' muito difícil, se não impossível, que o homem material penetre nas coisas do espírito.

Desandei para a Casa do Gaiato triste e desconsolado. O mundo interesseiro semeia a desolação nas almas a tal ponto, que sem a virtude da fortaleza, corre-se o risco de naufragar. A nossa casa fica a uns sete quilómetros da cidade de Penafiel, distância que o carro fez em 10 minutos. Ocupei esse pequenino tempo em pedir a Deus que guiasse as minhas passadas.

No dia seguinte estava no Porto; na cidade do Porto. Eu queria saber o nome da empresa fornecedora de energia neste concelho. Perguntei. Indicaram-me um nome como provável. Não era ali. Deram-me outro nome. Não era ali. Indicaram-me um terceiro. Acertei. O empregado mandou-me entrar e que esperasse um bocadinho pelo Snr. Engenheiro. Este aparece. Antes que eu fale, abre ele conversa. Começa por dizer que a sua Companhia está em dívida para com a Casa do Gaiato. Que tem obrigação de ajudar a Casa do Gaiato e que diga eu como há-de ser. Isto era no gabinete do Snr. Engenheiro. Eu ouvia em silêncio e ferozosa atitude. Ontem pedira a Deus que me guiasse os passos... E' nesta Luz que nós, mortais, vemos e compreendemos. Aquelle Snr. Engenheiro, na sua pobreza remediada, há-de ser necessariamente um homem muito feliz, por haver sido, entre tantos outros, o medianeiro que Deus escolheu. A nossa conversa foi muito breve. As nossas opiniões eram concordes. Quando assim acontece, nem disputas nem dificuldades. Dentro de poucas semanas erguia-se uma torre de granito na nossa Aldeia, aonde se instalava o maquinismo necessário e permanente para termos enrgia e luz à vontade, sem interferência de ninguém. Resultado: com energia acessível, começa a nascer-me no peito o que antes jamais poderia conceber por causa de preços elevados; e desta sorte instalamos um molinho. Foi a primeira máquina da Aldeia. O nosso pão sabe melhor e engorda mais. A seguir vem o maquinismo das oficinas de carpinteiro. Mais ruído. Mais entusiasmo. Melhor rendimento. Os pequeninos aprendizes debruçam-se sobre o trabalho e gostam de ver as lâminas fender a madeira. Depois vem tear; o tear aonde fabricamos o pano que veste os nossos rapazes. E' uma pancada forte e certa, cheia de vida. Gosta-se de a ouvir. Nunca nos faltou pano desde que somos A Obra da Rua, mas como este nunca tivemos. E' obra feita em nossa casa, pelas nossas mãos, e está tudo dito. Finalmente apareceu a tipografia e da vantagem desta, não há palavras; o nosso vocabulário é omisso. Nem sempre a palavra chega às alturas da ideia.

Fiquei triste e desconsolado, como atraz digo,

mas aquella hora amarga, sofrida por amor de Deus, converteu-se em alegria total e permanente. Alegria do mundo. Alegria dos nossos leitores de aquém e de além mar. Alegria tua. Também guardo respeitosa-mente a carta oficial, aonde se anuncia o corte das regalias que antes usufruíamos. Na maré não gostei nada dela, mas hoje gosto e vou mandá-la encaixilhar.

Isto é doutrina. O nosso prelo é púlpito. Eu tenho obrigação de pregar. E' preciso que saibamos que nem sempre são direitas as linhas por onde Deus escreve. Os nossos caminhos não são os caminhos d'Ele. Aquilo que parece ser uma adversidade, pode redundar e redonda sempre num bem, se nós temos a felicidade de possuir a intuição do Divino. O caso que hoje exponho é documento.

CARTA DO BRASIL

NÃO quero sair de S. Paulo sem primeiro dizer aos meus leitores como ali se trabalha de alma e coração no bem social, particularmente no que diz respeito à criança, que é o botão de onde nasce o homem. Foi a criança que mereceu particular interesse a Jesus de Nazaré.

Ainda me não saiu da memória a impressão colhida no Tribunal de Justiça daquela cidade, aonde teve lugar o congresso social de que já me ocupei e no qual tive a suprema felicidade de ser participante. Eu ouvi e rejubilei. Eram horas devotadas; estudos sérios; ansia de fazer melhor. Está a sorte da criança em jogo. Os magistrados pedem explicações à autoridade ali presente, da presença de aleijados e anormais nos estabelecimentos do Estado, juntos com rapazes sãos. E lamentam. E estranham. E chamam a contas. Eu rejubilei. Quem sofre a infeliz experiência destas misturas, tem necessariamente de se alegrar. Apeteceu-me beijar as mãos daquele senhor, a quem Deus guarde a vida por longos anos.

Sem desprimor para as obras paralelas que eu visitei no Rio, muito tenho a dizer de outras que me foi dado ver nesta cidade. Para não ir mais longe, fiquemos no Educandário D. Duarte. É uma obra de assistência particular ao rapaz da rua. A tese da assistência particular, ao que eu observei, figura e prevalece; a assistência oficial, em tese, fica em segundo lugar. Todos os oradores que apresentaram estudos no congresso a que me tenho referido, afirmavam esta doutrina. Eu cá sou da mesma opinião. Eu digo que a assistência oficial está sujeita a cair em socialismo, distribuindo muito dinheiro pelos assistentes em prejuízo dos assistidos. Mas retomemos o fio da meada. Uns tantos senhores tomaram lugar e eu fiz o mesmo, e os automóveis rodaram em direcção ao Educandário, o qual fica a uns 30 quilómetros da cidade de S. Paulo. Aqui temos a primeira vantagem da obra; rapazes da rua longe e fora da rua. Os paulistas souberam escolher. Têm a inteligência das coisas desta natureza. Eram quatro horas

O mestre da OFICINA DE TIPOGRAFIA, acaba de me dizer que está em condições de executar qualquer serviço, e que annunciase eu no jornal. Aqui fica o anúncio.

É um vagido; nós nascemos ontem. Quem é que não acode?!

quando ali chegamos. Uma quinta enorme com matas, terras de cultura, pomares, lagos e piscinas, jardins. Contém 17 moradias, mais distantes umas das outras do que as da nossa Aldeia e todas de um só piso. Casas adequadas ao fim a que se destinam. Cada habitação é uma família de 30 rapazes, com pai e mãe simbólicos, que vem a ser um casal a quem Deus não deu filhos, e que ali fazem seus aqueles por quem olham. As casas têm vida independente, cada uma colhendo e comendo os produtos da sua horta, e mandando para a dispensa geral aquilo que lhes sobra. Quem cultiva são os rapazes. O arranjo da casa é obra dos rapazes. Em uma delas, no refeitório, vi cestinhos de morangos de fazer pecar um santo. Ao pé desta dita casa estava a horta provida do que a boa semente e o bom clima e a bela terra são capazes de dar aqueles que a trabalham. Os 30 habitantes daquele lote, eram 30 amores. Toquei-os com as minhas mãos pecadoras e fiz-lhes as perguntas que quis. Estavam ali italianos, portugueses e brasileiros; todos muito papudos e muito felizes. Ficaram-me os olhos neles... e nos morangos!

Estive na casa dos empregados. Quem são estes empregados? São tirados da massa. Algum que dê provas e queira ficar, fica. Ganha o seu ordenado. Tem a sua obrigação. Trata os rapazes como foi tratado ele mesmo. É da família. Esta casa dos empregados tem as disposições exigidas pelo estado e natureza dos seus habitantes. Nós temos que dar a cada um o que lhe pertence. O rapaz de 18 anos, não se pode de maneira nenhuma encontrar à vontade no meio da tropa miuda. Gostei muito de ver aquela casa com salas de jogos e de leitura e tudo o mais que diz respeito à estrutura humana de uma obra aonde se formam homens. A' frente de tudo isto está um casal a quem Deus não deu filhos e que voluntariamente e gostosamente escolheu este quinhão. A comida além de ser caseira, é abundante. Eu vi. Eu cheirei e lembrei-me

(Continua na 3.ª página)

LAR DO EX-PUPILO

SUA RAZÃO DE SER

(Conclusão)

Como toda a organização, a nossa Obra tem que ter um responsável pelo seu perfeito funcionamento.

Porque é uma Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes, é um dos habitantes da comunidade do Lar que assume a responsabilidade do comando. Eleito anualmente, fica sendo o Maioral (o maior de todos) e é ele que provê à parte técnica e administrativa da Casa, mas, note-se bem, não deve ser o único a dirigir, visto que a Obra é de todos. Cada um dos ex-Pupilos pode apresentar sugestões sobre todos os problemas da Casa e desta parte activa de todos os habitantes do Lar, o Maioral torna-se um coordenador das ideias e da iniciativa dos seus irmãos mais novos.

Mais do que palavras abstractas, esclarecem-nos, acerca das funções do Maioral, os Artigos VI a X das nossas constituições. Assim:

Artigo VI:—Os rapazes que estiverem nas condições e quiserem viver no Lar, prestem obediência ao Maioral a quem devem tratar como irmão mais velho, sem constrangimento nem temor. Ao Maioral compete atender, aconselhar, prover às necessidades de cada um; elaborar o regulamento interno da casa e exigir o seu fiel cumprimento.

Artigo VII:—O Maioral é da eleição da comunidade e pode ser reeleito. Todos os habitantes são elegíveis e têm direito a votar. Fica designado o primeiro Domingo do mês de Janeiro para as eleições.

Artigo VIII:—O Maioral tem o governo disciplinar da Casa, podendo avisar, repreender e até propor, por causas muito graves, a expulsão de qualquer ex-Pupilo.

Artigo IX:—Antes da aceitação de cada pretendente, procure-se saber com toda a diligência e verdade:

a) o que dele consta nas Casas de Formação por onde transitou;

b) capacidade de trabalho;
c) idoneidade de Família,
e somente depois de assim se proceder será inscrito no respetivo livro de entrada, se for considerado apto. Tendo família em boas condições de vida, quer na cidade quer na província, procure-se convencer o rapaz a viver em sua casa, ainda que pobremente. Mormente se ele for da Província, seja persuadido a empregar-se ali, afim de não vir a ser um dos da chusma, que nesciamente procuram a cidade e nela muitas vezes se perdem.

Artigo X:—A Obra deve bastar-se a si própria, tendo como principal fonte de receita a pensão individual dos seus habitantes. O quantitativo será estabelecido pelo Maioral, tomando em conta o ordenado de cada um; isto sem prejuízo para aqueles que pagam pouco ou que não pagam nada. O tratamento doméstico é igual para todos.

Para poder exigir é preciso, primeiramente, saber cumprir.

O Maioral, que é da confiança da maioria dos membros do Lar, há-de pautar para si uma conduta correctíssima, afim de que as suas acções e atitudes possam servir de exemplo e estímulo ao comportamento dos seus subordinados. Assim deve proceder todo o chefe consciencioso da sua missão e do lugar que ocupe superiormente. Haverá, deste modo, mais harmonia no seio de uma organização e a obediência espontânea transforma-se um respeito naturalmente fraternal.

A história dos Maiorais do Lar mostra-nos que nem todos têm levado ao fim o seu mandato, isto precisamente pela falta de qualidades que imponham ao chefe à consideração de todos.

A missão mais espinhosa do Maioral é aquela onde ele tem que desempenhar o papel de juiz na parte disciplinar da casa. Não é desqualificativo da grandesa da Obra o afirmar-se sinceramente que, por vezes e embora escassos, surgem conflitos que obrigam a expulsão de um ou outro ex-Pupilo. Verdaderamente, não existem processos educativos preliminares visto que os rapazes são recebidos dos 18 anos para cima. A escola é de

auto-educação e para os de boa vontade, tendo-se de eliminar aqueles que, de má vontade, perturbam e dificultam a acção regenerativa dos restantes.

Quanto à parte económica da Obra, o Lar, segundo o artigo X, devia bastar-se a si próprio, mas assim não tem acontecido, infelizmente.

Não podemos deixar de enaltecer a acção auxiliadora do comércio e da indústria locais empregando os Rapazes que procuram trabalho. Acontece, porém, que muitos patrões não pagam o salário devido por saberem que os ex-Pupilos têm, no Lar, as refeições diárias garantidas, esquecendo, todavia, que a permanência deles não pode prolongar-se indefinidamente na Obra e que a justiça fica lesada. Para cobrir esta anomalia, que aliás, não é só dos nossos dias, em não se retribuir justamente o esforço e o trabalho dispendidos pelos operários, tem o Ministério da Justiça auxiliado grandemente a nossa Obra, abafando o déficit entre as despesas e as receitas.

Vamos concluir esta série de artigos sobre a razão de ser do Lar do ex-Pupilo. E para focarmos ainda melhor a acção do Maioral no funcionamento da Obra, transcrevemos as seguintes palavras do livro "Obra do Rua":

«O Maioral, como o próprio nome indica, é o primeiro; é a espinha dorsal da Obra. E' ele quem preside.

O Assistente Moral, como o nome também indica, apenas assiste, e nada mais. Vive, sim, no meio e com os Rapazes, mas unicamente como quem serve, que assim o exige a grandesa da Obra.

O rendimento social de uma obra destas cresce como as plantas nos trópicos. A acção individual do chefe sobre cada rapaz em particular tem um grande poder de convicção, transformando-se, entre nós, num instante, aquele mesmo pupilo que no Reformatório parecia ser avesso à ordem, segundo informações que deles se colhem».

FIM

H. F.

ISTO É A CASA DO GAIATO

MAIS melancias. Agora são melancias. Eram 80 delas pela avenida acima, à cabeça de outros tantos deles. Ao meio dia, é um regalo entrar no nosso refeitório, pelo aroma e pela cor da fruta. E' a mãe terra, a que tantos hoje apostam em chamar madrastra, pela miragem das fábricas e das cidades; dá pena!

O NORBERTO continua a ser o meu amigo número um. Como me houvessem oferecido um frasco de doce de laranja e o rapaz sabe eu que gosto muito dele, coloco o dito ao pé da minha mesa de trabalho. Foi buscar remédio das formigas e polvilha o sítio. Trouxe um prato pequenino e uma colher da mesma classe. Vira-se para mim e dá o seu recado: *pronto. Aqui tem. Não dê a ninguém.*

Ele não faz o que me disse. Ele dá e reparte com os mais daquilo que tem. Ainda há dias esteve aqui uma sua tia que lhe deixou bolos e o Norberto repartiu.

E' o amor que ele me tem, que o faz dizer assim. Ele quer que eu coma tudo, por saber que eu gosto muito.

A inauguração da nossa tipografia, foi feita segundo os nossos usos e costumes; obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes, e está tudo dito. Como faltasse a energia. Melhor; estando esta racionada, começamos a trabalhar às 8 horas da noite. O impressor ligou e a máquina rolou. Eu aparei nas minhas mãos pecadoras o primeiro fruto da obra ingente. Deu meia noite e ainda estavam rapazes dos maiores; os cozinheiros, os chefes das casas, outros isolados. Não faziam ali nada; estavam a vêr. Estavam a gosar. Tratava-se da nossa tipografia! Eram tres da madrugada e ainda estavam rapazes! Sei que ficaram alguns até de dia! Não tinham ali nenhuma obrigação. Prenderam-se à riqueza, ao actual oiro da nossa aldeia. Oiro deles, para eles, por isso mesmo ali estavam os maiores da nossa aldeia!

Eu saía de vez em quando até ao campo a da bola, espaiar. Tinha chovido. A noite era escura, mas havia estrelas. Eu gosto de olhar para as estrelas e foi até, olhando para elas, que eu recordei ter tomado conta, há seis anos, deste sítio, cheio de silvas e mato. Silvas e mato!

Tres dias rolou o prelo, por onde passaram 23.000 exemplares do *famoso*. Rapazes dobravam. Rapazes cintavam. Rapazes empacotavam. Rapazes encheram por duas vezes nosso carro de mão e foram levar ao CTT de Cete. Há seis anos era neste lugar silvas e mato!!

Os senhores nunca foram a Manchester? Pois agora não é preciso ir lá, que Manchester é aqui. Ontem à noite, por causa da restrição de energia, tínhamos o Maximiano no moínho e o Manel Zé no tear e o António na carpintaria e uma grande malta na tipografia. E era a pancada do tear e o remoer da mó e os dentes das serras e o rolar do «famoso». Isto toda a noite; toda a santa noite.

O António carpinteiro, o chefe das nossas oficinas, comunicou-me que são necessários e que está fazendo 11750 tacos para o pavimento do salão da nossa aldeia. Ele mesmo fez as contas, com papel e lápis, segundo os seus conhecimentos. O António tem hoje perto de 19 anos. Veio com 13 deles. Não fazem cá falta nenhuma os chamados «mestre» de bigode. Dê-se ao rapaz a oportunidade.

Como é nefando ouvir-se dizer ao rapaz, e ouve-se muitas vezes: *guarda o que sabes e faxe o que te mandam.* Não é verdade. Não está certo. Ouça-se o rapaz. Escute-se o rapaz. Ele que faça. Ele que diga, e depois escutem-no e se não fez bem, digam-lhe como se faz melhor.

TIVEMOS na Ordem do Carmo, Porto, um pequenino doente; foi o Dita, de S. João da Madeira. Esteve ali um rór de tempo. Ao fim, foi-se a vêr e a Ordem não

levou nada e deu-lhe roupa. Como não podesse caminhar pelo seu pé, o rapaz que o foi buscar, chamou um carro de praça; e o motorista também não levou nada! Sentou o doente na almofada do seu carro com tanto carinho como se fosse um filho seu. Com certeza este homem tem filhos...

ESTAVA eu hoje posto em sossego a tomar o meu café, quando entra uma bola, não se sabe se pela porta se pela janela do refeitório, e vem direitinha à minha testa! Se isto tivesse acontecido em um colégio de respeitabilidade, tínhamos devassa; um atentado contra a pessoa do senhor director! Havia malícia. Castigue-se o inaudito. Aqui, porém, não existe a pessoa do senhor director nem se supõem malícias. Há rapazes. Existem rapazes. Obra deles, por eles, para eles. Agora o que peço aos senhores visitantes é que não mandem bolas. Não atendam os pedidos dos cicerones. Mandem outras coisas que não possam ser arremessadas às cabeças das pessoas.

UVAS. Uvas de Mesão Frio. A repetição da «consoladela» do ano passado. Veem 4 caixas de cada remessa e duas remessas por semana. E' uma farturinha. Alimentam. Dão gosto e saúde as e da nossa quinta, ficam todas para vinho. Nós temos tudo destes rapazes, se lhes dermos tudo. E' a lei natural das coisas. E nunca teremos nada de ninguém. se tirarmos alguma coisa do que lhes é dado...

O ARMANDO; é o Armando. Este rapaz veio um dia ter aqui pelo seu pé e contou a sua história. Era ele e um irmão. Eu mandei-os embora, mas dias depois, fui atrás deles, pela morada que me deixaram. Era no Porto. O Armando estava no sítio que me indicara. Tinha o cabelo rapado. Feições

medonhas. Triste. Um pacote de tres vintes ao pé. Acabara de sair de um calaboiço. Em boa hora o fui buscar!

Armando sabe fazer tudo. Ocupa-se de tudo. Não há tecla que ele não toque, umas vezes bem, outras vezes mal, —mas toca. Aqui há tempos, apareceu um homem com dor de dentes. O Armando estava e ouviu as suas queixas. O homem berrava alto: *Ai Jesus!* O rapaz toma-o por um braço, sobe com ele ao nosso gabinete dentário, fa-lo sentar pregalhe uma injeção, um alicate e pronto!

Ora o Armando não me larga; quer um torno mecânico. Todos os dias me arna, por ele: *ande lá, compre-me o torno. Ponha no jornal.* E eu cá estou. Eu venho aqui pedir a alguém que nos ofereça um torno mecânico para a nossa oficina. Não se trata de um brinquedo, e ele há tantos senhores e tantas senhoras para quem o fazê-lo seria uma brincadeira! Aqui se deixa o pedido do Armando e se alguém tiver dor de dentes que apareça.

O Jorge, foi nomeado ajudante do Arlindo, na limpeza da Casa-Mãe. O Jorge é um rapazinho de história larga, orfão de pai e pela mãe, abandonado. Sem estas histórias ninguém entra nas Casas do Gaiato. Pois bem. No dia da sua nomeação, Jorge vai ao meu escritório, toma nas suas mãos "O Comércio do Porto", faz dele uma grande mitra e anda mitrado. Nunca mais largou o precioso ornamento! E' vê-lo de pano na mão a limpar cadeiras, bancos e balaustres... de mitra. E' ver e gosar. Estas coisas são de gosar. Proibir? Para quê, se o Jorge anda feliz.

O FAISCA chegou agora mesmo da venda do «famoso» e entregou duas moedas de cobre, que um senhor lhe dera para mim. E' um vintem e cinco reis. Vinte e cinco, como dantes se dizia. Cá estão. Obrigado a quem mandou.